

RICHARD DAWKINS

LIBRETO

SÃO PAULO/ PORTO ALEGRE

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

▶ **COMO VIVER
JUNTOS**

TEMPORADA
2015



► RICHARD DAWKINS

(Quênia, 1941)

Biólogo evolucionista britânico. Um dos mais respeitados cientistas da atualidade, defende o evolucionismo e o ateísmo em obras como *O gene egoísta*.

“Tratemos então de ensinar a generosidade e o altruísmo, porque nascemos egoístas. Tratemos de compreender o que pretendem os nossos próprios genes egoístas, pois só assim teremos alguma chance de perturbar os seus desígnios, algo que nenhuma outra espécie jamais aspirou fazer.”

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria

Fernando Schüller

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lume Ideias

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

► VIDA E OBRA

Nascido em Nairóbi, no Quênia, o biólogo evolucionista Richard Dawkins é considerado mais darwiniano que o próprio Charles Darwin. Durante a infância, morou na Inglaterra e desenvolveu o gosto pela ciência, inspirado por seus pais. Formado em zoologia pela Universidade de Oxford, onde também cursou seu mestrado e doutorado, teve como tutor o etologista e Prêmio Nobel Nikolaas Tinbergen, pioneiro no estudo do comportamento animal.

Dawkins colocou a ciência da evolução no século XXI, contextualizando a disseminação de ideias na chamada era da informação. Autor de vários livros de divulgação científica, utiliza linguagem informal e metafórica para explicar temas científicos densos e complexos. Ganhou destaque, em 1976, com o lançamento de *O gene egoísta*, livro no qual popularizou o gene como a principal unidade de seleção na evolução. Também introduziu o termo “meme”, o equivalente comportamental do gene, para incentivar o pensamento de que os princípios darwinianos podem ser estendidos para além dos domínios dos genes. O meme de internet é uma referência ao trabalho de Dawkins, usado para descrever um conceito que se espalha através da World Wide Web.

É *fellow* emérito do New College, da Universidade de Oxford, onde foi o primeiro titular da cátedra de Compreensão Pública da Ciência, cargo criado em 1995. Criou, em 2006, a Fundação Richard Dawkins para a Razão e a Ciência, uma organização sem fins lucrativos que planeja financiar educação científica e pesquisas no campo da psicologia das crenças, bem como dar apoio a instituições de caridade com caráter secular.

Em 2008, desligou-se de sua longa carreira como professor em Oxford para se dedicar à escrita, alertando para a importância do pensamento científico e do risco das crenças em diversos âmbitos, da medicina à religião.

Ateu declarado e ativista contra a ideia do criacionismo, é vice-presidente da Associação Humanista Britânica e participante do Movimento Bright, que divulga uma visão naturalista do mundo. Autor de *Deus – Um delírio*, faz parte do grupo de escritores do início do século XXI que defendem o ateísmo, que inclui Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens.

Sua ampla experiência como palestrante e como editor e colunista de periódicos em diversos países colaborou para a popularização de suas ideias e seus escritos.

É frequentemente convidado de programas de televisão que vão de premiadas séries da BBC a juiz do British Academy Television Awards.

Richard Dawkins foi agraciado com o título Doctor of Science pela Universidade de Oxford e possui títulos *honoris causa* em ciências em diferentes universidades. Em 2007, foi eleito uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time* e figurou na lista do *The Daily Telegraph* com os 100 maiores gênios vivos. O livro *Fome de saber*, primeira parte da sua autobiografia, será lançado em maio de 2015 no Brasil (confira um trecho no final deste libreto).

“A minha razão é: o ponto fundamental da evolução é que ela explica como você pode ir de uma simplicidade primordial (que não precisa de explicação, ou precisa muito pouco) até alturas de prodigiosa complexidade (que, definitivamente, precisam de uma explicação). E a evolução fornece essa explicação. Deuses criadores teriam que ser entes muito complexos e, portanto, requerem, por direito próprio, uma explicação – uma explicação que os religiosos não têm.”

“Memes são unidades de hereditariedade cultural – unidades que são copiadas de mente para mente –, e elas têm a capacidade de funcionar como genes em uma forma de seleção natural darwiniana. Jovens na internet adotaram a palavra para um subconjunto específico de memes, ou seja, imagens com uma mensagem simples escrita por cima. Não tenho nenhuma grande objeção, só digo que eles estão perdendo muito em ficar só nisso.”

“Nós não sabemos se fadas existem. Nós não levamos a sério a existência do deus nórdico Thor, ou de Zeus, ou de Dionísio ou de Shiva. Até que tenhamos sérias evidências de que algum deles tenha existido ou que exista, nós não perdemos tempo com isso. Por que deveria ser diferente com o Deus cristão, ou com o judeu ou com o muçulmano?”

“Quanto à relação entre religiosidade e felicidade, ainda que eu não tenha estudado o assunto, é possível prever que tal correlação é mais um mito do que um fato. Os países que

apresentam melhores índices de desenvolvimento humano e, em tese, uma melhor condição para a existência da felicidade, são países com o maior número de ateus do mundo. Seus cidadãos encontram bem-estar, alegria e consolo nas possibilidades sociais, culturais e intelectuais concretamente disponíveis em seus países, não em entes divinos.”

“A seleção natural trata da sobrevivência diferencial de informação codificada que tem poder de influenciar a sua probabilidade de ser replicada, o que é o significado prático de genes. Informações codificadas, que têm o poder de fazer cópias de si – replicadores – sempre que passam a existir no universo, o que potencialmente poderia ser a base para algum tipo de seleção darwiniana. E quando isso acontece, você tem então a oportunidade para este extraordinário fenômeno que chamamos ‘vida’.”

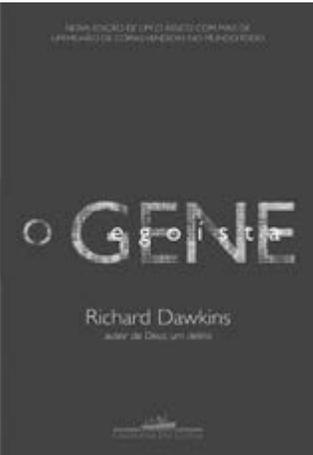
“Genes têm diferentes probabilidades de sobreviver. Os que sobrevivem, porque eles têm essa replicação de alta-fidelidade, são os que vemos no mundo, aqueles que dominam conjuntos de genes do mundo. Para mim, o replicador, o gene, o DNA, é absolutamente fundamental para todo o processo de seleção natural darwiniana. Então, quando você faz a pergunta, o que acontece com a seleção de grupo, o que acontece com os níveis mais elevados de seleção, o que dizer de diferentes níveis de seleção, tudo se resume à seleção de genes. Gene é, fundamentalmente, o que realmente está acontecendo.”



O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

The greatest show on Earth: The evidence for evolution
1ª edição – 2009 / Edição em português – Companhia das Letras, 2009

Neste livro, Dawkins apresenta sua visão da vida pelo prisma da evolução guiada pela seleção natural, afirmando a todos que Darwin tinha razão. O autor usa a técnica do origami, os métodos de Sherlock Holmes, a sátira de Monty Python e até um balé aéreo de um bando de estorninhos para apresentar os mecanismos da evolução.



O GENE egoísta

Richard Dawkins
autor de Deus um mito

O GENE EGOÍSTA

The selfish gene

1ª edição – 1976 / Edição em português – Companhia das Letras, 2007

Dawkins introduziu uma linguagem informal e metafórica em uma área dominada por reflexões densas e fórmulas matemáticas. Seu objetivo era condensar a teoria já produzida para compreender como espécies surgem e se diversificam, como indivíduos se relacionam e colaboram entre si – e ir além. O gene é quem comanda, quem busca perpetuar-se. O livro apresenta a biologia evolutiva de forma acessível e acrescenta uma interpretação metafórica que inspirou gerações de biólogos e simpatizantes.



RICHARD DAWKINS

O RELOJOEIRO CEGO

A teoria da
evolução contra o
designio divino

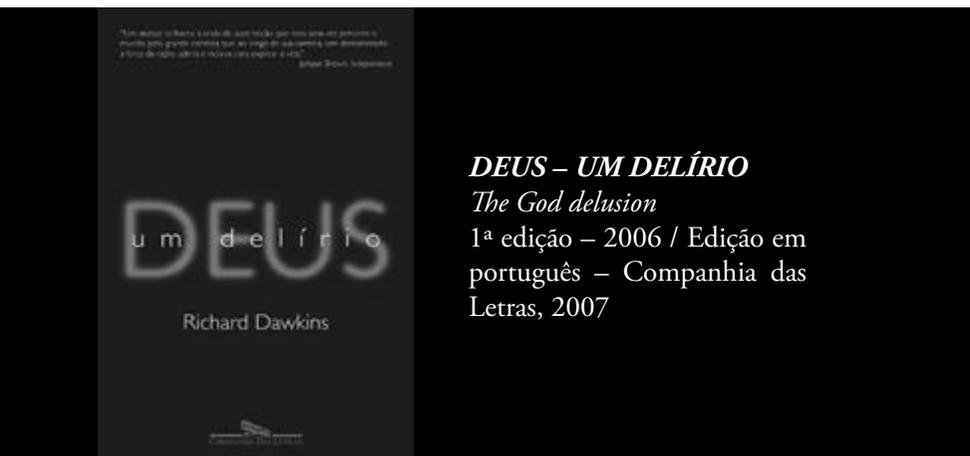
O RELOJOEIRO CEGO

The blind watchmaker

1ª edição – 1986 / Edição em português – Companhia das Letras, 2001

Este livro se tornou um marco da biologia moderna tão logo foi lançado. Empenhado em conquistar novos adeptos para o evolucionismo e para o pensamento científico, Dawkins faz uma defesa vigorosa da visão de Darwin e expõe as polêmicas do criacionismo. Para o autor, a seleção natural não ocorre por meio de combinações aleatórias: a sobrevivência é um jogo árduo, de regras estritas e definidas.

► NA WEB



Dawkins mostra como a religião alimenta a guerra, fomenta o fanatismo e doutrina as crianças. O objetivo deste texto mordaz é provocar; provocar os religiosos convictos, mas principalmente provocar os que são religiosos “por inércia”, levando-os a pensar racionalmente. O biólogo usa seu conceito de memes e o darwinismo para propor explicações à tendência da humanidade de acreditar em um ser superior. E desmonta os argumentos que defendem a existência de Deus, dedicando especial atenção ao “design inteligente”, tentativa criacionista de harmonizar ciência e religião.

SITE OFICIAL / Fundação Richard Dawkins para a Razão e a Ciência
<https://richarddawkins.net/>

TWITTER
[@RichardDawkins](https://twitter.com/RichardDawkins)

FACEBOOK
<https://www.facebook.com/RichardDawkinsBooks>

WIKIPEDIA
http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Dawkins

ENTREVISTAS

Richard Dawkins: “Deuses criadores teriam que ser entes muito complexos”

Entrevista para o jornal *Zero Hora*, publicada em maio de 2015
<http://is.gd/Dawkins1>

(<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/richard-dawkins-deuses-criadores-teriam-que-ser-entes-muito-complexos-4757059.html>)

“Se não acreditamos em Thor, por que crer no Deus cristão?”

Entrevista para o jornal *Folha de S.Paulo*, publicada em abril de 2013

<http://is.gd/Dawkins2>

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/101554-se-nao-acreditamos-em-thor-por-que-crer-no-deus-cristao.shtml>)

“Narro Darwin para vencer a ignorância”

Tradução de entrevista de Dawkins para o jornal italiano *La Repubblica*, publicada em fevereiro de 2010

<http://is.gd/Dawkins3>

(<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/30036-narro-darwin-para-vencer-a-ignorancia%60%60-entrevista-com-richard-dawkins>)

VÍDEOS E LINKS

Biólogo ateu Richard Dawkins lê em vídeo cartas de ódio que recebe

Matéria e vídeo publicados pelo jornal *Folha de S.Paulo*, em janeiro de 2015

<http://is.gd/Dawkins4>

(<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/01/1579055-biologo-ateu-richard-dawkins-le-em-video-cartas-de-odio-que-recebe.shtml>)

The Edge

Vídeo de Richard Dawkins para o projeto *The Edge*, publicado em abril de 2015 (em inglês)

<http://is.gd/Dawkins5>

(http://edge.org/conversation/richard_dawkins-this-is-my-vision-of-life)

Livros no Brasil

Página do *site* da editora Companhia das Letras com a relação dos livros de Richard Dawkins publicados no Brasil

<http://is.gd/Dawkins6>

(<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00563>)

TED Talks

Palestras de Richard Dawkins (legendado)

https://www.ted.com/speakers/richard_dawkins

The Guardian

Matérias sobre Richard Dawkins no jornal *The Guardian* (em inglês)

<http://www.theguardian.com/science/dawkins>

Associação Humanista Britânica

Site da Associação Humanista Britânica, da qual Dawkins é vice-presidente

<https://humanism.org.uk/>

Movimento Bright

Site do Movimento Bright, que defende uma visão naturalista do mundo

<http://www.the-brights.net/index.html>

Richard Dawkins diz que ter bebê sabendo que tem Down seria “imoral”

Matéria do jornal *Folha de S.Paulo*, publicada em agosto de 2014

<http://is.gd/Dawkins7>

(<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/08/richard-dawkins-diz-que-ter-bebe-sabendo-que-tem-down-seria-imoral.html>)

Richard Dawkins entrevista Christopher Hitchens

Entrevista publicada no *site* NewStatesman, em dezembro de 2011

<http://is.gd/Dawkins8>

(<http://www.newstatesman.com/blogs/the-staggers/2011/12/christopher-hitchens-evening>)

Big Think

Entrevistas de Richard Dawkins para *site* Big Think (em inglês)

<http://bigthink.com/experts/richarddawkins>

Trajetória Profissional

Entrevista sobre a trajetória profissional de Richard Dawkins para o canal UOL Mais do UOL, publicada em outubro de 2011

<http://is.gd/Dawkins9>

(<http://mais.uol.com.br/view/1hju7gjt6ko/entrevista-com-o-biologo-evolucionista-richard-dawkins-04024C9B3962C8892326?types=A>)

O maior espetáculo da terra

Entrevista para o jornal The Guardian sobre o livro *O maior espetáculo da Terra* (em inglês)

<http://is.gd/Dawkins10>

(<https://www.youtube.com/watch?v=GnR5kQG6qBU>)

Design Inteligente

Richard Dawkins mostra como a evolução supera o “*design inteligente*”

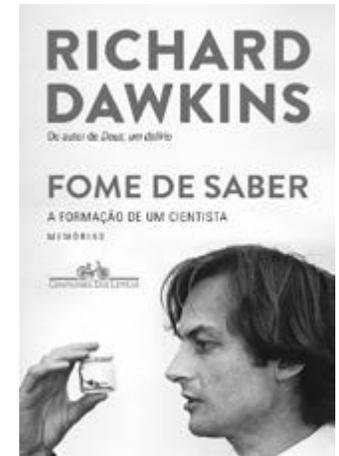
<http://is.gd/Dawkins11>

(https://www.youtube.com/watch?v=gb_J-imkehU)

FOME DE SABER: A FORMAÇÃO DE UM CIENTISTA – MEMÓRIAS

RICHARD DAWKINS
COMPANHIA DAS LETRAS, 2015

Trecho do livro Fome de saber, autobiografia de Richard Dawkins, lançada em 2015 pela Companhia das Letras. Nele, o biólogo traça um panorama colorido e encorpado dos seus primeiros anos de vida. A autorreflexão sincera e as anedotas espirituosas são intercaladas a reminiscências com a família e os amigos, a literatura, a poesia e a música. Permitindo que se compreenda as influências que moldaram o intelectual que, mais do que qualquer outro de sua geração, buscou explicar as nossas origens.



DE GENES E CAPACETES COLONIAIS

“Muito prazer, Clint.” O simpático agente alfandegário não sabia que, entre os britânicos, às vezes, o primeiro nome vem da família e o segundo é o que os pais pretendem que o filho de fato utilize. Serei sempre Richard, assim como meu pai sempre foi John. Nosso primeiro nome, Clinton, era uma coisa que se costumava esquecer, tal como fora a intenção de nossos progenitores. Para mim, não passa de um incômodo que eu dispensaria com prazer (não obstante o fortúnio de me dar as mesmas iniciais de Charles Robert Darwin). Mas, enfim, era impossível prever as diretrizes do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos. Não contentes em inspecionar nossos calçados e racionar nosso creme dental, eles decretaram ainda que todo aquele que intencione entrar nos Estados Unidos use durante a viagem o primeiro nome, exatamente como está escrito no passaporte. De modo que, ao comprar as passagens para o país, tive de renunciar à minha identificação vitalícia como Richard para me reconstituir Clinton R. Dawkins – assim como fiz ao preencher aqueles importantíssimos formulários: aqueles que exigem que você negue expressamente desejar ingressar nos Estados Unidos para derrubar o governo por força armada. (“Propósito exclusivo da visita”,

respondeu o radialista britânico Gilbert Harding ao preencher um desses; hoje em dia tal leviandade deixaria o sujeito em maus lençóis.)

Clinton Richard Dawkins, portanto, é o nome que consta em minha certidão de nascimento e passaporte, assim como meu pai era Clinton John. Só que ele não foi o único C. Dawkins cujo nome saiu no *Times* como pai de um garoto nascido em março de 1941 na Clínica Eskotene, em Nairóbi. O outro era o reverendo Cuthbert Dawkins, um missionário anglicano sem parentesco com nossa família. Minha mãe recebeu, estupefata, uma chuva de congratulações de bispos e clérigos da Inglaterra, todos desconhecidos dela mas ainda assim muito gentis em invocar as bênçãos de Deus sobre o filho recém-nascido. Não há como saber se as bênçãos que se extraviaram do filho de Cuthbert surtiram algum efeito benéfico em mim, mas o fato é que ele seguiu os passos missionários do seu pai e eu segui os de biólogo do meu. Minha mãe brinca até hoje que eu bem posso ter sido trocado. Folgo em dizer que não apenas a semelhança física com meu pai assegura que não fui, como também o fato de eu nunca ter me sentido destinado à Igreja.

O nome Clinton entrou na família Dawkins quando meu tetravô Henry Dawkins (1765-1852) se casou com

Augusta, filha do general Sir Henry Clinton (1738-95), o qual, quando comandante-chefe das forças britânicas de 1778 a 1782, foi em parte responsável pela derrota da Grã-Bretanha na Guerra da Independência dos Estados Unidos. As circunstâncias do casamento tornam o acréscimo de seu nome à família Dawkins um ato um tanto quanto atrevido. O trecho a seguir vem da história da Great Portland Street, rua onde morava o general Clinton.

Em 1788, sua filha fugiu para casar-se dentro de um coche de aluguel com o sr. Dawkins, que despistou os perseguidores contratando mais meia dúzia de coches e dispondos-os nas esquinas da rua que dava na Portland Place e orientando cada cocheiro a disparar numa direção diferente.*

Queria poder reclamar esse adorno do brasão familiar como inspiração para Lord Ronald de Stephen Leacock, que “pulou sobre seu cavalo e saiu galopando loucamente em todas as direções”. Também quero pensar que herdei parte da desenvoltura de Henry Dawkins, para não mencionar seu fervor. Mas isso é improvável, dado que só uma 32ª parte do meu genoma deriva dele. Fora que uma 64ª

*Henry Benjamin Wheatley e Peter Cunningham, London Past and Present. Londres: John Murray, 1891, 2 v., p. 109.

parte vem do próprio general Clinton, e jamais demonstrei nenhum sinal de inclinação militarista. *Tess d'Urbervilles* e *O cão dos Baskerville* não são as únicas obras de ficção que suscitam “retrocessos” hereditários a ancestrais longínquos, esquecendo que a proporção de genes compartilhados é dividida ao meio a cada geração e por isso se extingue exponencialmente – ou assim seria se não fosse o casamento entre primos, que se torna mais frequente quanto mais distante for o parentesco primal, de modo que somos todos mais ou menos primos distantes.

Há um fato notável que você pode comprovar sem nem se levantar da poltrona: se você voltar o bastante numa máquina do tempo, todo indivíduo que der na sua vista e tiver descendentes humanos vivos deverá ser ancestral de todas as pessoas vivas hoje. Caso sua máquina do tempo tenha viajado o suficiente ao passado distante, todos que você encontra são ancestrais ou de todas as pessoas vivas em 2014 ou de ninguém. Seguindo o método do *reductio ad absurdum*, tão amado pelos matemáticos, pode-se ver que isso é inegável em relação a nossos ancestrais písceos do Devoniano (o meu peixe é obrigatoriamente o mesmo peixe que o seu, pois seria absurdo que os descendentes do seu peixe e os descendentes do meu peixe tenham permanecido castos por 300 milhões de anos e mantido até hoje a capacidade

de procriar). A única pergunta é o quanto você precisa voltar para aplicar esse raciocínio. Por certo não precisa chegar aos antepassados ictícos, mas quanto? Bem, num cálculo rápido e grosseiro, posso dizer que, se a rainha da Inglaterra descende de Guilherme I, é bem provável que meus leitores britânicos também sejam descendentes dele (e – excluída alguma remota improbabilidade – eu também, assim como todo indivíduo de *pedigree* registrado).

O segundo filho de Henry e Augusta, Clinton George Augustus Dawkins (1808-71), foi um dos poucos Dawkins que chegaram a usar o nome Clinton. Tenha ele herdado ou não o fervor do pai, quase o perdeu em 1849 durante o bombardeio austríaco a Veneza, onde Henry era o cônsul britânico. Tenho entre minhas posses uma bala de canhão repousando sobre um pedestal com uma placa de metal que registra uma dedicatória. Não sei de quem é a voz autoral e não sei o quanto é confiável, mas, seja como for, aqui vai minha tradução (do francês, então idioma oficial da diplomacia):

Uma noite, na cama, uma bala de canhão perfurou as cobertas e passou entre suas pernas, felizmente sem lhe causar nenhum dano sério. De início, achei que fosse história da carochinha, até vir a descobrir, sem margem para dúvida, que era a mais pura verdade. Um colega seu, um suíço,

encontrou-o mais tarde em meio ao cortejo fúnebre de um cônsul norte-americano. Ao ser questionado pelo colega, ele confirmou tudo aos risos e observou que era exatamente por esse motivo que mancava.

Essa ocasião em que as partes vitais do meu ancestral se safaram por pouco foi antes de ele ter chegado a utilizá-las, e fico tentado a atribuir minha existência a um golpe de sorte balística. Por alguns centímetros, eu não estaria aqui... O fato é que a minha existência, a sua e a do carteiro pendem todas por um fio de sorte ainda mais delgado. Devemos nossa existência à precisa combinação no tempo e no espaço de tudo que já aconteceu desde o princípio do universo. O incidente da bala de canhão é só um exemplo dramático de um fenômeno muito mais geral. Como já expus alhures, se o segundo dinossauro à esquerda da cicadófito não tivesse espirrado e, assim, tivesse conseguido pegar o minúsculo semimusarinho ancestral dos mamíferos, nenhum de nós estaria aqui. Todos podemos nos considerar formidavelmente improváveis. Mas, num triunfo retrospectivo, aqui estamos.

O segundo filho de C. G. A. Dawkins (o “Bala de Canhão”), (futuro Sir) Clinton Edward Dawkins (1859-1905), foi um dos vários Dawkins a estudar no Balliol Col-

lege, em Oxford. Passou por lá no momento certo para ser imortalizado nas rimas Balliol*, publicadas originalmente num panfleto chamado *The Masque of Balliol*, em 1881. Na primavera daquele ano, sete graduandos compuseram e imprimiram versos difamatórios a respeito de grandes figuras da faculdade. O mais famoso é o que celebra o diretor de Balliol, Benjamin Jowett, composto por H. C. Beeching, então futuro decano da Catedral de Norwich:

*First come I, my name is Jowett.
There's no knowledge but I know it.*

*I am Master of this College,
What I don't know isn't knowledge.***

Menos espirituosos, mas para mim intrigante, são os versos sobre Clinton Edward Dawkins:

*Positivists ever talk in
Such an epic style as Dawkins;
God is naught and Man is all,
Spell him with a capital.****

*Balliol rhyme é uma forma irregular de versificação, associada ao Balliol College, com uma métrica peculiar e tema quase sempre centrado em uma pessoa. (N. E.)

**Em tradução livre: "Primeiro venho eu, meu nome é Jowett./ Não há saber, mas disso eu sei./ Sou diretor desta faculdade./ O que eu não sei não é saber". (N. T.)

Livres-pensadores não eram comuns no período vitoriano. Queria ter conhecido meu tio-bisavô Clinton (em criança cheguei a conhecer duas de suas irmãs mais novas, já velhinhas, uma das quais tinha duas arrumadeiras chamadas – estranhei a convenção de usar sobrenomes – Johnson e Harris). E o que dizer desse “tom épico”?

Creio que foi Sir Clinton quem viria a subsidiar meu avô, seu sobrinho Clinton George Evelyn Dawkins, para matricular-se em Balliol – onde, ao que parece, ele fez pouco além de remar. Há uma fotografia (reproduzida no primeiro caderno de imagens) de meu avô no rio, preparando-se para remar, que evoca maravilhosamente o alto verão edwardiano em Oxford. Poderia servir de cenário para o *Zuleika Dobson*, de Max Beerbohm. Os convidados enchapelados estão todos de pé na barcaça da faculdade, a casa flutuante que todo clube universitário de canoagem possuía até não muito tempo atrás. É uma pena que tenham sido substituídas pelos atracadouros atuais, de alvenaria, utilitários. (Uma ou duas dessas barcaças continuam em uso ainda hoje – se não em água, pelo menos em terra – como barcos-casas, tendo sido rebocadas para seu descanso aquático nos reman-

***Em tradução livre: “Os positivistas são de falar/ Em tom épico como o de Dawkins;/ Deus é nada e o Homem é tudo./ Que se lhe atribua a maiúscula”. (N. T.)

sos e rios dos arredores de Oxford, entre galinhas-d'água e mergulhões.) É gritante a semelhança de aparência entre meu avô e dois de seus filhos, meu pai e meu tio Colyear. As semelhanças entre familiares me fascinam, embora tendam a se dissipar com o avançar das gerações.

Meu avô adorava Balliol e armou um esquema para ficar por lá muito além do período permitido a um graduando – só para continuar na canoagem, suspeito. Quando eu o visitava, ele já idoso, a faculdade era o assunto principal, e ele sempre perguntava se ainda usávamos as gírias edwardianas (mesmo que eu já tivesse explicado várias vezes que não): “mugger” no lugar de “master” [diretor], “wagger pagger” no lugar de “wastepaper basket” [cesta de lixo]; “Maggers’ Memogger” no lugar de “Martyrs’ Memorial” [Memorial dos Mártires] – a cruz em frente a Balliol, erigida em homenagem aos três bispos anglicanos queimados vivos em Oxford no ano de 1555 por seu vínculo ao sabor equivocados do cristianismo.

Uma de minhas últimas lembranças com o avô Dawkins é a de levá-lo a seu último Gáudio Balliol (o jantar de reencontro de antigos estudantes, com uma turma de idade diferente a cada ano). Cercado de antigos camaradas empurrando andadores e ornamentados com corneta acústica

e pincenê, ele foi reconhecido por um que se permitiu o sarcasmo óbvio: “Opa, Dawkins. Ainda remando pelo Clube Leander?”. Ao deixá-lo, notei nele certa expressão de desamparo entre os rapazes da velha guarda. Alguns deles decerto haviam lutado na Guerra dos Bôeres e eram, portanto, os devidos homenageados do famoso poema de Hilaire Belloc “Aos homens de Balliol ainda na África”:

*Years ago, when I was at Balliol,
Balliol men – and I was one –
Swam together in winter rivers,
Wrestled together under the sun.
And still in the heart of us, Balliol, Balliol,
Loved already, but hardly known,
Welded us each of us into the others:
Called a levy and chose her own.
Here a House that armours a man
With the eyes of a boy and the heart of a ranger
And a laughing way in the teeth of the world
And a holy hunger and thirst for danger:*

*Balliol made me, Balliol fed me,
Whatever I had she gave me again:
And the best of Balliol loved me and led me.
God be with you, Balliol men.**

*Em tradução livre: “Há muitos anos, quando estava eu em Balliol,/ Os homens de Balliol – eu entre eles –/ Nadávamos juntos em rios inverniais,/ Digiadiávamos juntos sob o sol./ E ainda em nossos corações, Balliol, Balliol,/ Já amada, mas tão saudosa,/ Fundiu-nos todos uns aos outros:/ Fez a recruta e escolheu os seus./ Esta é a casa que encouraça o homem/ Com olhos de menino e coração de caçador/ E um jeito risonho à beira do abismo/ E com fome sagrada e sede de perigo:// Balliol me fez, Balliol me nutriu,/ Tudo que eu tinha ela me deu de novo:/ E o melhor de Balliol me amou e me conduziu./ Deus esteja convosco, homens de Balliol”. (N. T.)

Foi com muita dificuldade que li esse poema no funeral de meu pai, em 2011, e mais uma vez no ano seguinte em um panegírico a Christopher Hitchens, outro homem de Balliol, na Convenção Ateísta Global, em Melbourne. Com muita dificuldade porque, mesmo em ocasiões mais alegres, lacrimo com uma facilidade vergonhosa ao recitar um poema amado, e esse de Belloc em especial é um dos mais humilhantes.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO